



B1

ISSN: 2595-1661

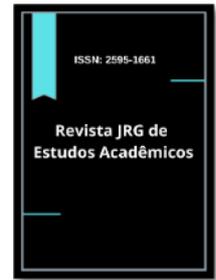
ARTIGO DE REVISÃO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Síncopa do samba e da saúde mental: contribuições de Dona Ivone Lara

Samba's Syncopation and Mental Health: Contributions of Dona Ivone Lara

DOI: 10.55892/jrg.v8i18.1700

ARK: 57118/JRG.v8i18.1700

Recebido: 06/12/2024 | Aceito: 15/02/2025 | Publicado *on-line*: 28/03/2025

Ana Carolina dos Santos Fonseca Boquadi¹

<https://orcid.org/0000-0003-2835-8349>

<http://lattes.cnpq.br/03187320577215553>

Secretaria de Saúde do Distrito Federal, DF, Brasil

E-mail: anaboquadi@gmail.com

Marília Sobral Benjamim²

<https://orcid.org/0009-0000-0404-1959>

<http://lattes.cnpq.br/2795544155193781>

Secretaria de Saúde do Distrito Federal, DF, Brasil

E-mail: mariliasoben@gmail.com



Resumo

O artigo busca evidenciar a trajetória de Dona Ivone Lara na saúde mental e no samba. Ela atuou como enfermeira e assistente social no Rio de Janeiro até se aposentar do trabalho em hospital psiquiátrico. Foi também parceira da psiquiatra Nise da Silveira no uso das expressões artísticas junto aos internos. A partir da revisão integrativa da literatura, observamos a relevância do legado de Ivone Lara ao utilizar a música como estratégia inovadora de saúde mental, demonstrando uma perspectiva humanizada e antimanicomial para pessoas negras institucionalizadas no Brasil. As principais referências teóricas foram autores da Psicologia Preta e pesquisadores negros brasileiros sobre psicologia, saúde mental, cultura e relações raciais. Por fim, destacamos o samba como elemento constitutivo de aquilombamento, religiosidade, ritmo e corporeidade em contraposição às diferentes políticas de opressão e apagamento, inerentes ao sistema colonial do Brasil.

Palavras-chave: Dona Ivone Lara. Saúde Mental. Samba. Racismo. Estratégia inovadora.

Abstract

The article aims to highlight Dona Ivone Lara's trajectory in mental health and samba. She worked as a nurse and social worker in Rio de Janeiro until retiring from her job at a psychiatric hospital. She was also a partner of psychiatrist Nise da Silveira in using artistic expressions with the patients. Through an integrative literature review, we observed the relevance of Ivone Lara's legacy in using music as an innovative strategy for mental health, demonstrating a humanized and anti-asylum perspective for black

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade de Brasília.

² Graduada em Psicologia pela Universidade de Brasília. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília.

people institutionalized in Brazil. The main theoretical references were Black Psychology authors and black Brazilian researchers on psychology, mental health, culture and race relations. Finally, we emphasize samba as a constitutive element of quilombagem, religiosity, rhythm, and corporeality in opposition to the various policies of oppression and erasure inherent in Brazil's colonial system.

Keywords: *Dona Ivone Lara. Samba. Mental Health. Racism. Innovative Strategy*

1. Introdução

Este trabalho é resultado da conclusão da Especialização em Saúde Mental e a escolha deste tema ocorreu pelo nosso interesse sobre Ivone Lara, seu samba e, sobretudo, nossa especial curiosidade a respeito de seu trabalho na saúde mental. Tal interesse inclui aspectos presentes na nossa história de vida como mulheres negras, bem como profissionais de saúde e como agentes de cultura. Para além do campo das identificações, a realização deste trabalho possibilitou dar destaque à música como uma estratégia inovadora e de resistência, que une arte, saúde mental e coletividades.

Agenciadoras do cuidado, do trabalho e da coletividade, as mulheres negras sempre desempenharam um papel crucial na sociedade brasileira. No entanto, é essencial reconhecer que o país, desde o processo de colonização e escravização, tem enfrentado um problema persistente de racismo estrutural, o qual coloca as mulheres negras em uma posição de subordinação. Diante desse contexto, essas mulheres têm desenvolvido estratégias inovadoras para resistir, autopreservar-se e confrontar as adversidades, contribuindo assim para as transformações necessárias nessa realidade (Werneck, 2007).

O racismo corresponde a uma forma sistemática de discriminação baseada na raça manifestando-se por meio de práticas, sejam elas conscientes ou inconscientes, que resultam em desvantagens e privilégios para pessoas a depender do grupo racial a que pertencem. O racismo estrutural, por sua vez, decorre da própria formação social, presente nas relações familiares, políticas, jurídicas, econômicas, com fortes impactos nessas esferas. Dessa forma, a operação normal da sociedade acaba resultando em discriminações sistemáticas contra a população negra no Brasil (Almeida, 2019).

O reconhecimento do racismo e das desigualdades raciais como determinantes de saúde para a população negra são pressupostos fundamentais da Política Nacional de Saúde da População Negra, promulgada em 2009. Ela é fruto da luta dos movimentos negros pela equidade e do compromisso do governo brasileiro com a promoção da saúde e a diminuição das iniquidades, já que a população negra enfrenta os piores índices socioeconômicos, menor escolaridade e acesso a saúde, discriminação dentro dos serviços, maior taxa de mortalidade materna e infantil, maior índice de mortes por acidente e por violência (Brasil, 2017).

Os efeitos do racismo na saúde mental da população negra têm sido objeto de estudos por diversos pesquisadores e psicólogos negros no mundo todo. Segundo Nobles (2009), a psicologia ocidental está a serviço do sistema imperialista e racista, sendo assim uma psicologia intrinsecamente ligada à ideologia de um sistema político opressivo, o que a torna incapaz de oferecer tratamento adequado para pessoas negras. No contexto norte-americano, a Psicologia Preta ou Africana surgiu como busca de libertar o povo negro em seus aspectos, físico, mental e espiritual. Para isso se utiliza do pensamento africano em sua essência e integralidade (Nobles, 2009).

Um dos mecanismos do racismo é o apagamento sistemático do conhecimento das pessoas negras e suas contribuições para a sociedade. Essa invisibilidade é conceituada por Boaventura Sousa Santos como epistemicídio, uma ferramenta eficaz e duradoura de dominação racial, que deslegitima os conhecimentos de grupos historicamente dominados e nega a eles o status de sujeitos de conhecimento (Carneiro, 2005).

Outro conceito relacionado ao racismo estrutural é o preconceito racial, que é a formulação de conceitos a partir de estereótipos sobre pessoas pertencentes a um grupo racial (Almeida, 2019). Para Lélia Gonzalez (1984), o racismo pode ser visto como sintoma da neurose cultural brasileira, sendo mulheres negras afetadas de forma particular pelos mecanismos racistas e sexistas. Elas enfrentam violências simbólicas e são designadas a papéis específicos como mulata, doméstica e mãe preta.

O papel atribuído à mulher negra como “mulata” remete ao carnaval, momento que de acordo com Lélia Gonzalez (1984) representa uma exaltação do mito da democracia racial. Durante esse período, a mulher negra é momentaneamente admirada, mas rapidamente transfigurada para a figura da “doméstica”. Esses papéis, ambos historicamente associados ao sistema produtivo escravocrata, refletem uma realidade marcada por trabalho forçado e violências sexuais. Já o papel da mãe preta remonta também a esse período e está relacionado à função materna exercida pela mulher negra. Esses estereótipos persistem no imaginário social e fazem com que a mulher negra ocupe um lugar central como sustentáculo econômico, afetivo e moral de sua família e comunidade. Como consequência, observamos vários impactos negativos na saúde, na sobrecarga de funções e nas condições socioeconômicas dessa população.

Como mãe e profissional preta, Dona Ivone foi uma das pessoas invisibilizadas. Porém, de forma discreta e paulatina, subverteu a lógica escravocrata e de submissão, promovendo sua autonomia com criatividade, pensamento estratégico e muito trabalho. Ela não era militante combativa, mas sua existência e capacidade de resistir às estatísticas e a todo apagamento epistemológico promoveu importantes transformações na sociedade, sendo especialmente inovadora com seu povo, falando sua língua (o “pretuguês”) e incorporando vida e esperança com seu samba dentro de um hospício na década de 40.

Dona Ivone Lara ficou conhecida por sua trajetória no samba enquanto compositora e intérprete. Foi também a primeira mulher a integrar a ala de compositores de uma escola de samba (Nobile, 2018). O pioneirismo dessa artista não ficou restrito ao mundo do samba. Ela ingressou, em 1939, na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, a primeira do Brasil. Formou-se ainda em Serviço Social em 1947, sendo uma das primeiras mulheres negras a possuir ensino superior no país. Trabalhou até a sua aposentadoria em 1977 no cuidado de pacientes psiquiátricos (Scheffer, 2016).

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de Revisão Integrativa que tem como objetivo destacar a trajetória dessa mulher negra que atuou como enfermeira, assistente social e sambista. A partir de sua história, busca-se compreender alguns pontos de mudança importantes na política de saúde mental brasileira, especialmente nas questões enfrentadas pela população negra. Além disso, a partir da perspectiva de pensadores e psicólogos da Psicologia Preta, pretende-se destacar o samba como dispositivo

criativo, identitário e de resistência, desempenhando papel importante para se pensar a saúde mental dessa população.

Para coleta de dados, foi realizado um levantamento bibliográfico a partir de buscas por artigos científicos, dissertações, livros nas plataformas CAPES, Scielo, Google Scholar, entre outras. Também foram incluídas nessa pesquisa livros de biografia autorizados de Dona Ivone Lara. Foram utilizados para a pesquisa os descritores “Dona Ivone Lara”, “saúde mental”, “samba” “Psicologia Preta”, “saúde mental no Brasil”.

Nossa pesquisa privilegiou a contribuição de estudiosos e pesquisadores negros. A perspectiva epistemológica afrocentrada foi adotada como forma de combater o epistemicídio racial e evidenciar o protagonismo negro na construção de conhecimento sobre o tema. Desse modo, pretende-se uma escrita mais alinhada com a prática decolonial e interseccional. Entendemos a decolonialidade como uma forma de pensar em oposição à colonialidade do poder, do conhecimento e do ser e, mais especificamente, um confronto com as hierarquias raciais, de gênero e sexuais que foram colocadas em vigor (Maldonado-Torres, 2007). Entende-se a interseccionalidade como uma perspectiva e explicação sobre a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (Collins e Bielge, 2021). A ferramenta analítica utilizada parte da compreensão de que as categorias de raça, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. (Collins e Bielge, 2021).

3. Resultados e Discussão

1 Psicologia Preta no mundo:

Para iniciar, é importante falar sobre Frantz Fanon, psiquiatra negro e martinicano que foi um grande pesquisador das dimensões sociais do sofrimento psíquico. Realizou estudos a respeito do colonialismo e dos traumas para as subjetividades decorrentes desse processo e contestou a relação direta de características físicas e psicológicas do sujeito. Para ele, o racismo possibilita o colonialismo, assim a negação da humanidade provoca distorção da autoimagem e sentimento de inferioridade dos negros (Faustino, 2018).

Nos Estados Unidos, durante as décadas de 1960 e 1970, teve início a *Black Psychology*, que propôs um conjunto teórico e prático da psicologia clínica baseada na subjetividade negra e na ancestralidade africana (Veiga, 2019).

A Psicologia Preta ou Africana busca a emancipação dos negros de forma integral, contemplando os aspectos físico, mental e espiritual. Seu fundamento é a afrocentricidade, que coloca o povo preto como centro de sua própria história. Para esse grupo, não se trata apenas de oferecer perspectivas negras acerca da psicologia ocidental, mas sim de construir teorias e práticas baseadas na cosmovisão africana (Frederico, 2021).

A cosmovisão africana parte do pressuposto de que humano e natureza são inseparáveis. A partir desse princípio surgem outros conceitos, como o de grupalidade, interdependência, cooperação, comunalidade. Outra noção importante é a de agência, que versa sobre a necessidade de se basear em sua própria matriz cultural e histórica para avaliar sua experiência. Essa mudança é entendida como passo fundamental para superar o encarceramento mental que a escravidão e o colonialismo impuseram aos negros (Frederico, 2021)

Comunidade é outro conceito central para a filosofia africana e indica uma forma de ser e estar no mundo. Integra esse senso que o reconhecimento da humanidade de si se dá por meio do reconhecimento desta no outro. A crença é de que Esse princípio da interdepêndencia é contra-hegemônico, já que na colonização a humanidade branca é afirmada a partir desumanização do negro (Akbar, 1975).

Dentro do movimento da Psicologia Preta existe uma diversidade de perspectivas quanto aos psicólogos brancos. De forma resumida, a escola tradicional se propõe a mudar as atitudes de pessoas racistas, enquanto a reformista acrescenta a essa perspectiva a necessidade de mudanças nas políticas públicas. Já na Psicologia Preta radical, o foco é o povo negro e a importância da luta política e cultural, tendo como referência as ideias de Frantz Fanon. São os principais nomes dessa corrente Joseph Baldwin, Na'im Akbar e Wade Nobles (Frederico, 2021). Esses dois últimos serão as referências para análise do tema deste artigo, além de outros autores negros brasileiros.

Wade Nobles foi um dos fundadores desse movimento e é membro da Associação dos Psicólogos Negros dos Estados Unidos da América, professor da Universidade Estadual de São Francisco e fundador do Instituto de estudos Avançados da Família, Vida e Cultura Negra (De Sousa Chaveiro, 2023). Para o autor, a Psicologia Ocidental Eurocêntrica apresenta uma limitação na compreensão da experiência de pessoas e dos povos africanos e não oferece respostas de prevenção e cuidado a esse grupo.

Nobles propõe a necessidade de uma perspectiva afrocentrada não só para melhor compreensão do significado dessa experiência, mas também para ressaltar como religiosidade, alegria e beleza fazem parte desse processo de ser e tornar-se africano. Esse campo da Psicologia Negra foi denominado por ele como *Shaku Sheti*, processo de iluminação e libertação por meio de uma compreensão sobre a força espiritual africana, que reúne tanto impulso revolucionário quanto criativo. No Brasil, esses impulsos podem ser representados pelo candomblé, pelos orixás, pelos quilombos e podemos incluir o samba e as escolas de samba enquanto fontes de saúde mental e bem-estar dos negros (Nobles, 2009).

De forma semelhante, Na'im Akbar, psicólogo clínico e epistemólogo negro, também realizou críticas à psicologia ocidental e à perspectiva patologizante do negro desenvolvida por ela. Em um artigo escrito com outros psicólogos negros, afirma que um teste de QI desenvolvido pela psicologia eurocêntrica é incapaz de apreender a inteligência negra e que suas interpretações são atravessadas pelo racismo (De Sousa Chaveiro, 2023).

O pensamento de Na'im Akbar (1975) destaca que a psicologia ocidental operou uma opressão intelectual aos negros e que a escravidão trouxe um grave choque psicológico e social que afeta hoje diretamente os afro-americanos. Ele enfatiza a importância de compreender a psique africana, tendo a escravidão como ponto de partida para entender as relações atuais dos negros com trabalho, família, escola, entre outras. Akbar propõe que uma saída possível é a tomada de uma consciência africana com a adoção de valores comunitários. Essa consciência, segundo o autor, tem potencial de promover autoaceitação, autodeterminação e autodescoberta dos negros, oportunizando assim seu desenvolvimento contínuo.

1.1 Psicologia e relações raciais no Brasil:

Os impactos do racismo nas subjetividades negras também foi objeto de estudo de diversos pensadores negros no Brasil. Segundo Santos (2021), a perspectiva da Psicologia sobre as relações raciais pode ser dividida em três momentos no Brasil. No primeiro, entre o final do século XIX e início do século XX, o negro passa a ser visto como sujeito e objeto de estudo. Destaca-se nesse momento a Escola Nina Rodrigues (Frederico, 2021), liderada por Raimundo Nina Rodrigues, um médico influente e referência de Medicina Legal no Brasil à época. Esse médico foi um dos maiores representantes do racismo científico, que colocava a mestiçagem diretamente relacionada a crimes e patologias (Santos, 2021).

No segundo período, entre as décadas de 1930 e 1950, ocorre a inserção da Psicologia no ensino superior e a perspectiva de determinismo biológico das raças passa a ser questionada. Nessa época, destaca-se o trabalho Virgínia Leone Bicudo. Socióloga e psicanalista motivada a compreender o sofrimento vivenciado em decorrência do racismo, foi uma das primeiras pensadoras negras a pesquisar as questões raciais e a relação com fatores psicossociais. Para isso, fez articulações teóricas importantes entre sociologia, antropologia, psicologia social e psicanálise. (Villas Boas e Parolin, 2021).

Uma dessas pesquisas, realizada na década de 1930 com negros, foi intitulada “Atitudes Raciais de Negros e mulatos em São Paulo”. Esse estudo mostrou, entre outros achados, que o preconceito é mais evidenciado com a ascensão social do negro. Virgínia Leone Bicudo foi também uma das primeiras estudiosas no campo da Higiene Mental Escolar e tornou-se visitadora psiquiátrica em escolas (Villas Boas e Parolin, 2021).

Além de Virgínia Bicudo, destacam-se Raul Briquet, primeiro a ministrar o curso de Psicologia Social, Aniela Ginsesber, com seu estudo sobre preferência de crianças negras por bonecas brancas e Danter Moreira Leite, que ao longo de seis livros se dedicou ao estudo do preconceito racial. Todos combateram o racismo científico e ampliaram a compreensão das desigualdades raciais no Brasil, considerando as condições econômicas, educacionais e sociais (Frederico, 2021).

A partir de 1990, a Psicologia passa a estudar temáticas como branqueamento e branquitude, e a promoção da igualdade racial torna-se pauta. Alguns dos representantes desse movimento são Edith Piza, Jurandir Freire Costa, Maria Aparecida Silva Bento e Iray Carone. Esses estudos buscaram compreender o impacto das relações de dominação na identidade branca. Negação da discriminação, culpabilização e falta de reconhecimento do negro são alguns dos achados sobre a temática da branquitude (Frederico, 2021).

2 Yvonne Lara e saúde mental no Brasil

Yvonne Lara da Costa, conforme consta em seu registro oficial, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Botafogo, no dia 13 de abril de 1921. Sua forte ligação com a música teve influência de sua mãe, Emerentina da Silva, cantora de ranchos carnavalescos como “Flor do Abacate e “Ameno Resedá”, e de seu pai, José da Silva, violonista de sete cordas que também desfilava no Bloco dos Africanos (Barbosa, 2023).

José faleceu quando Emerentina estava grávida de Elza. Yvonne tinha apenas dois anos. Sua mãe casou-se novamente com Venino José da Silva, com quem teve

mais três filhos, e faleceu quando Yvonne era ainda adolescente e estudava no colégio interno Orsina da Fonseca (Burns, 2021).

Foi nessa escola que Yvonne teve contato com a música, por meio de duas mulheres importantes: Lucília Guimarães, esposa de Villa-Lobos e professora de canto orfeônico, e Zaíra de Oliveira, cantora, compositora e esposa de Donga. Yvonne integrou o orfeão e começou a realizar apresentações dentro e fora da escola (Nobile, 2018).

Com a ausência materna, passou a viver com a tia Maria, no Morro da Serrinha em Madureira. Aos finais de semana, Yvonne frequentava a casa de seu tio, Dionísio Bento da Silva, violonista, cavaquinista e trombonista, com quem foi morar definitivamente após a sua formatura. Com ele, aprendeu os primeiros acordes do cavaquinho. Dionísio era motorista de ambulância na rede pública de saúde e era também músico e amigo de grandes artistas na época, como Pixinguinha e Jacob do Bandolim (Padilha, 2022).

Em 1939, Yvonne fez inscrição na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, foi aprovada e ficou entre as 10 melhores colocadas, o que lhe possibilitou uma bolsa de estudo. Essa escola foi criada pelo Decreto nº 791 de 1890, denominada na época como Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (EPEE) do Hospício Nacional de Alienados, anexa ao Hospício Pedro II (Pava e Neves, 2011).

O Centro Psiquiátrico Dom Pedro II, inaugurado em 1841, foi o primeiro hospital psiquiátrico do Brasil e iniciou suas atividades em 1852. Nesse período estava sob a direção da igreja católica por meio da Irmandade da Misericórdia. As irmãs da caridade atuavam como enfermeiras do hospício, exercendo funções administrativas numa perspectiva filantrópica. Esse modelo começou a ser questionado pelos médicos e a partir das últimas décadas do século XIX, amparados pelo positivismo, passaram a lutar pelo poder dessa instituição (Peres, 2011).

A EPEE surge então com a demanda de formar profissionais qualificados, após suspensão das atividades das irmãs de caridade nos hospícios e hospitais (Pava e Neves, 2011). Em 1942, esta escola passa a se chamar Escola de Enfermagem Alfredo Pinto por meio do decreto-lei 4.725, que também institui os cargos de diretor e secretário da escola no quadro permanente do Ministério da Educação e Saúde (Padilha, 2022).

A escola Alfredo Pinto estava dividida em três setores: feminino, na Colônia de Psicopatas Gustavo Riedel no Engenho de Dentro; seção mista, no Hospital Psiquiátrico; e a masculina, que não teve seguimento. Dessa forma, a enfermagem no Brasil inicia-se voltada aos cuidados de pacientes psiquiátricos e de forma substitutiva ao trabalho das irmãs de caridade da Santa Casa de Misericórdia (Silva Júnior, 2001).

A formação em enfermagem foi concluída após dois anos e a partir de 1927 essa escola inicia a especialização em visitadora social, com duração de mais um ano (Cavalcanti e Júnior, 2010). Cabia à visitadora social expandir sua atuação para além do hospital psiquiátrico, atendendo ainda os familiares dos pacientes em visitas domiciliares e comunitárias.

A especialização de visitadora social tornaria as enfermeiras monitoras de saúde mental, que atuariam também em uma perspectiva preventiva com ações educativas em ambulatórios e domicílios. A profissão de assistente social ainda não existia no Brasil, sendo o primeiro curso iniciado em 1937, no Rio de Janeiro, vinculado ao curso de Enfermagem da Escola Ana Neri (Scheffer, 2016).

É importante salientar que, apesar de Yvonne Lara ter obtido graduação em enfermagem, o que lhe conferiu um status social distinto daquele reservado a

mulheres negras e pobres na época, a enfermagem no Brasil sempre foi marcada pela presença majoritária de negras (Dos Santos e Porto, 2021). Historicamente, o cuidado está associado ao papel da mulher, especialmente de mulheres negras que desempenhavam diversas funções no período escravocrata, como ama de leite, curandeiras e parteiras. Dessa forma, antes de tornar-se profissão formal, a enfermagem no Brasil era desempenhada sobretudo por mulheres negras. Porém, esse protagonismo não obteve visibilidade (De Oliveira Santos, 2023).

Após sua formação como enfermeira e visitadora social, Yvonne Lara cursou Serviço Social no período de 1945 a 1947, ingressou no Serviço Nacional de Doentes Mentais e passou a trabalhar no Centro Psiquiátrico Nacional D. Pedro II, no Engenho de Dentro, de 1947 até se aposentar em 1977 (Scheffer, 2016).

Yvonne tornou-se especialista em terapia ocupacional após concluir o curso intitulado Curso Elementar da Terapêutica Ocupacional, oferecido pela psiquiatra Nise da Silveira, tornando-se auxiliar em praxiterapia. É somente a partir da década de 50, que esse campo de conhecimento é reconhecido como profissão (Leite Junior, 2021).

Nise da Silveira iniciou sua carreira como psiquiatra em 1933, no Hospital do Pinel, no Rio de Janeiro. Porém, foi afastada do trabalho e presa de 1936 a 1944, no início do Estado Novo, período ditatorial do governo Vargas, denunciada por uma colega por ter livros marxistas. Foi readmitida no trabalho em abril de 1944 no Centro Psiquiátrico Pedro II, na Seção Terapêutica Ocupacional e Reabilitação, onde trabalhou até 1975 (Magaldi, 2020).

Na década de 1940, as práticas correntes eram de eletrochoques, lobotomia e insulino terapia, práticas às quais Nise da Silveira se opôs, oferecendo tratamento baseado em atividades expressivas como pintura e modelagem (Magaldi, 2020). Sua perspectiva sobre o ser humano era de que a vida psíquica estava em constante interação com o mundo exterior e de que a psicopatologia era uma forma de estar no mundo.

Nise da Silveira era supervisora de Yvonne Lara, e se tornaram parceiras no tratamento inovador ligado às artes. Yvonne atuou realizando articulações entre o paciente, sua família e comunidade, além de coordenar oficinas musicais com os internos do hospital. Havia uma sala com instrumentos musicais do samba, como pandeiro e cavaquinho, onde ocorriam ensaios. Yvonne participava cantando e sambando com os internos e organizou o "Dia dos Doentes", em que eles realizavam apresentações. Assim, utilizou sua vivência musical como metodologia de tratamento humanizado (Scheffer, 2016).

Apesar da existência de poucos registros sobre sua metodologia inovadora e de sua invisibilidade como trabalhadora no campo de saúde mental, é possível identificar que a utilização da cultura popular rompe com a perspectiva hegemônica da época, de oficinas monótonas e repetitivas voltadas à manutenção institucional (Leite Junior, Farias e Martins, 2021).

É preciso lembrar que houve no Brasil um processo de manicomização da população negra, que iniciou com a colonização e a escravidão e se estendeu àquelas concepções de racismo científico que atribuíam aos negros inferioridade intelectual, degeneração e loucura (David e Vicentin, 2021). Essas ideias contribuíram para justificar a necessidade de controle social da população não branca, e o manicômio era entendido também como espaço para prevenir criminalidade por meio da internação de crianças negras.

De uma forma geral, essa pseudociência defendia que a mestiçagem era a principal causa de degeneração e estava intimamente ligada ao crime e à loucura. Tal paradigma foi duramente combatido por Juliano Moreira, psiquiatra negro que dirigiu

o Hospício Dom Pedro II de 1903 a 1930. Em sua gestão, realizou mudanças estruturais no hospital e contribuiu para uma perspectiva mais humanizada dos pacientes (Pithon, 2019).

Juliano Moreira foi fundamental e pioneiro na área de saúde mental ao realizar pesquisas, com rigor científico, que refutaram a pseudoteoria da degenerescência racial e por retirar grades, interromper o uso de camisa de forças e defender a capacitação profissional e introduzir oficinas dentro do hospital Dom Pedro II (Santos, 2021). De alguma forma, Juliano Moreira, preparou um terreno fértil para novas mudanças. Alguns anos depois, aparece então Nise da Silveira, com sua perspicácia e inovação artística, e Yvonne Lara, com sua humanidade e musicalidade, trazendo vida e resistência aos internos do hospital.

Em entrevista concedida a Katia Santos (2005), Yvonne Lara comentou sobre o impacto da utilização da música com seus pacientes. Referiu efeitos terapêuticos como sair do isolamento mesmo diante do abandono familiar na instituição. Sua atuação era de proximidade: ela sambava e cantava com os pacientes em uma sala de música, tendo à disposição vários instrumentos musicais do samba. Nessa entrevista, Yvonne disse que, por meio da oficina musical, descobriu que muitos dos seus pacientes diagnosticados com esquizofrenia eram músicos. O olhar para as potencialidades dos sujeitos para além do diagnóstico também foi uma das características principais dessa profissional.

Assim, a utilização do samba como abordagem terapêutica favoreceu o estabelecimento de uma relação mais próxima com o paciente, impactando positivamente seu estado psicológico e a forma de socializar com os outros pacientes. Esses aspectos evidenciam uma perspectiva de cuidado humanizado, alinhada com as prerrogativas da luta antimanicomial e da perspectiva afrocentrada da Psicologia Preta.

No próximo tópico, ressaltamos a relação de Yvonne com o samba e a importância na cultura brasileira, para depois resgatar a relevância da ritmicidade do samba e sua relação com a saúde mental das pessoas negras, dando ênfase à ancestralidade e religiosidade africana e lugar ao corpo negro e às práticas culturais coletivas.

3 Dona Ivone Lara e o samba

Utilizaremos a partir de agora o nome artístico, mais conhecido pelo público: Ivone Lara. Vemos que a relação de Ivone com o samba vai se intensificando com o tempo. Ainda criança, frequentava carnaval de rua na Tijuca e rodas de samba no Terreiro Grande (Silva, 2023). Sua primeira composição foi aos 12 anos e junto com seus primos, Mestre Fuleiro e Hélio. Os três fizeram homenagem a um pássaro de estimação chamado Tiê. Os primos apresentavam suas músicas como se fossem deles, já que nessa época o papel das mulheres no samba era restrito a cozinhar e fazer parte do coro das pastoras (Nobile, 2018)

Na juventude, quando morava em Madureira, frequentava a Escola de Samba Prazer da Serrinha. Aos 25 anos, casou-se com Oscar Costa, com quem teve dois filhos, Odir e Alfredo. O esposo era filho do presidente dessa escola e, devido a divergências, alguns componentes fundaram, em 1947, a Escola Império Serrano (Nobile, 2018).

A Império Serrano tornou-se então uma das mais tradicionais do Rio de Janeiro e a escola de coração de Ivone Lara. Em 1965, ela entrou para a ala de compositores e, com Silas de Oliveira e Bacalhau, compôs “Cinco bailes da história do Rio”, que foi

escolhido como samba enredo dessa escola. Com isso, Ivone Lara foi a primeira mulher a ganhar o concurso de samba enredo de uma escola (Nobile, 2018).

Em 1970, D. Ivone estreou em um disco com suas composições "Sem cavaco não" e "Agradeço a Deus". No ano seguinte foi convidada para fazer parte de um disco coletivo e gravou duas canções, sendo uma delas "Tiê". Nessa época, foi apresentada pela primeira vez como "dona a contragosto". Foi a partir desse momento também que começaram as apresentações em programas de rádio, participações em discos e seus sambas passaram a ser gravados por outros artistas como Cristina Buarque, Roberto Ribeiro, Beth Carvalho, Alcione, Elza Soares (Nobile, 2018).

Após 37 anos de trabalho, D. Ivone se aposenta da saúde pública. Em 1978, gravou seu primeiro disco solo "Samba Minha Verdade, Samba, minha raiz", com 12 faixas, metade delas composições em parceria com Delcio Carvalho. Neste disco, D. Ivone apresenta suas influências do samba, partido alto, choro, jongo, caxambu (Nobile, 2018).

Também em 1978, Clara Nunes gravou "Alvorecer", a primeira música de D. Ivone a fazer sucesso nas rádios. Apesar de boa avaliação da crítica pelo seu primeiro álbum, o sucesso de sua composição "Sonho meu" veio através da gravação feita por Maria Bethânia e Gal Costa no disco "Álibi", que vendeu mais de um milhão de cópias, tornando Bethânia a primeira mulher a atingir essa marca de vendas (Nobile, 2018).

Em 1979, D. Ivone lança seu segundo disco, "Sorriso de Criança", incluindo composições solo e parcerias com Delcio, compositores da Serrinha e Império Serrano. Já em 1981, lançou o álbum "Sorriso Negro", que contou com a participação de Maria Bethânia e Jorge Ben. Reuniu músicas sobre mulher, liberdade e negritude e foi um reflexo do momento histórico correspondente ao final da ditadura militar, que estava em processo de abertura após duas décadas de um regime autoritário e violento. Esse álbum refletiu essas transformações e foi símbolo de movimentos negros e de mulheres pela igualdade (Burns, 2021).

No ano seguinte, lançou o disco "Alegria Minha Gente", com forte presença de sambas de terreiro de compositores do Prazer da Serrinha, além de duas composições próprias. Nesse ano também participou junto a artistas como Chico Buarque e Clara Nunes do comício do candidato Miro Teixeira ao Governo do Rio de Janeiro. Em 1985, lançou o LP intitulado "Ivone Lara", e incluiu canções compostas em parceria com compositores da Serrinha e Império Serrano (Nobile, 2018).

Com a ascensão do pagode romântico, do axé e do pop rock, os sambas são deixados de lado pelas grandes gravadoras. Durante dez anos, Dona Ivone não gravou nenhum disco e somente em 1997 gravou "Bodas de Ouro", um disco comemorativo aos seus 50 anos de carreira musical. Em 2001, lançou "Nasci para Sonhar e Cantar", dessa vez incluindo mais composições inéditas do que regravações. Esse álbum ganhou o prêmio Sharp de melhor disco de samba (Nobile, 2018).

Três anos depois, já com 82 anos, lançou "Sempre a cantar" com 13 composições próprias inéditas e diversas parcerias. Em 2009, estreou seu primeiro DVD, intitulado "Canto de Rainha", que contou com a participação de diversos artistas e incluiu uma canção inédita, "Nas escritas da vida", que deu nome ao seu próximo álbum. Gravou em 2008 um disco que celebrou a parceria com Délcio de Carvalho, com o título de "Bodas de Coral no Samba Brasileiro", com regravações e canções inéditas da dupla (Nobile, 2018).

Em 2002, D. Ivone recebeu o prêmio Caras de Música na categoria Melhor Álbum de samba com "Nasci para Sonhar e Cantar". Em 2010, ela foi homenageada

no Prêmio da Música Brasileira e em 2004, sua vida foi tema da Escola Império Serrano no carnaval. Faleceu em 16 de abril de 2008, com 96 anos de idade (Nobile, 2018).

Anteriormente, observamos os meandros da carreira de uma mulher negra que ousou trabalhar não somente na saúde mental, mas também manteve firme e forte sua paixão pelo samba ao longo de muitos anos, trazendo uma história cheia de particularidades e desafios, sobretudo no sentido de ter se permitido compor, formar parcerias, ser reconhecida e abrir caminho para outras mulheres no samba.

No contexto do surgimento do samba na cultura brasileira, o autor Muniz Sodré (1998) considera que esse gênero musical reconstrói elementos das culturas tradicionais africanas e possui estreita relação com a luta de afirmação dos negros nos espaços urbanos, como forma de resistência cultural e de modos de viver.

De acordo com Bogues (2022), o samba constitui-se como arquivo da vida afro-brasileira e se estabelece como linguagem cultural e social não apenas de resistência, mas como práticas de liberdade e de manutenção de vida do povo negro. Acrescenta também que, por meio do samba, o negro encontrou sua voz e afirmou sua humanidade.

4. Samba e quilombo

Segundo Lélia Gonzalez (1982), o quilombo dos Palmares foi o primeiro estado livre das Américas e resistiu durante cem anos aos ataques coloniais e escravistas da época. A autora destaca ainda o papel de luta das mulheres nessa sociedade democrática.

Beatriz Nascimento (2018) referiu que a chegada dos negros na condição de escravizados no sistema colonial provocou um processo de desagregação da identidade negra, afetando enquanto indivíduo, cultura e sociedade. Em resposta a esse processo, o povo negro buscou se unir, aglutinar-se, construindo espaços subjetivos e concretos de união e de agregação, que para a autora constitui em espaço de quilombo de forma contínua e evolutiva.

A autora ressalta a importância do quilombo enquanto movimento político de rebelião e insurreição para o negro e reforça que ele não se encerra com abolição da escravatura no Brasil. Aponta que muitas áreas de quilombo são hoje no Rio de Janeiro favelas ou ex-favelas, e que esses locais não podem ser vistos de forma reducionista como espaços de fuga de escravizados. Para ela, os quilombos devem ser vistos como espaços de independência e de organização social do negro que permanecem vivos na atualidade.

Dessa forma, o quilombo na perspectiva de Beatriz Nascimento (2018) é mais do que um território, possui uma dimensão subjetiva. O quilombo é uma organização social autônoma e de resistência cultural e racial dos negros, sendo assim instrumento de autoafirmação coletiva. Esse sentido de quilombo, de união de iguais, é africano e se constitui em uma forma ideológica de afirmação de humanidade dos negros e de aceitação dentro da comunidade, com impacto no fortalecimento psíquico do negro.

De forma semelhante, Nobles (2009) aponta que foi nos quilombos que os negros puderam viver enquanto africanos. Essas comunidades negras livres operam como Estado independente afrocentrado e representam uma forma de sobrevivência cultural e política africana nas Américas. O autor denomina esse estado como Pulsão Palmarina, e afirma que a negação dessa africanidade pelo processo de embranquecimento produz adoecimento psíquico e constrangimento social, impondo aos negros a sensação de confusão e impotência.

Conforme observado por Nobles (2009), o processo de colonização produziu para os negros um descarrilhamento cultural do povo africano. Essa metáfora sugere que, os negros continuam, apesar de estarem fora dos trilhos, e ressalta a necessidade de desenvolver estratégias para seguir em frente. Dessa forma, para o autor, manter viva a africanidade, por meio do candomblé, do samba e da capoeira, é uma estratégia de resistência à escravidão e à colonização. Além disso, essas práticas podem ser consideradas como fontes de saúde mental e bem-estar dos negros brasileiros.

Abdias Nascimento (2020) denominou como quilombismos os sistemas de associação que possuem organização econômica e social próprias com papel de sustentação das comunidades africanas em diversas áreas, como religiosas, recreativas, culturais, esportivas. Enquadram-se nesse conceito clubes, confrarias, terreiros e escolas de samba. O autor destaca o constante processo de reatualização vivenciado por essas organizações, mas também a presença do elemento da tradição africana no de comunitarismo.

Quilombo também foi o nome do Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba (G.R.A.N.E.S. Quilombo) fundada por Candeia em 1975. Apesar de não ter participado de desfiles oficiais de escolas de samba, houve produções musicais que geraram disco com participação de Luiz Carlos da Vila, Nei Lopes e outros compositores (Lopes e Simas, 2015). O G.R.A.N.E.S Quilombo realizou articulações importantes com o Movimento Negro Unificado, com a participação de Lélia Gonzalez e de outros importantes intelectuais negros como Beatriz Nascimento em conferências promovidas em sua sede cultura negra (Treece, 2018).

Inspiradas nessas concepções, enfatizamos a importância das práticas terapêuticas na saúde mental considerarem a africanidade das pessoas negras em diáspora. Foi possível verificar que a atuação de Dona Ivone Lara com o samba e na oferta de cuidados aos pacientes pode ter funcionado como um incentivo à Pulsão Palmarina de pessoas negras, já que a musicalidade do samba carrega elementos africanos desde sua origem, passando pela religiosidade, ritmo e corpo.

5. Samba e Religiosidade

A relação de D. Ivone com a religiosidade aparece em sua composição "Axé de langa" (Pai maior). langa é uma divindade africana e essa composição reflete sobre a inserção de vocabulários africanos no samba e a estreita relação entre Brasil e África presentes nesse gênero musical (Santos, 2005). Em uma entrevista, D. Ivone indicou que a música é uma homenagem a seu avô. Nessa letra, ela também cita Vovó Maria Rezadeira, Tia Teresa e Vovô. Segundo Akbar (1975), é por meio das religiões negras que as pessoas compreendem o universo, a relação do homem com ele e, como consequência, regulam a relação entre os homens. Acrescenta ainda que é por meio dos rituais religiosos, que ocorre uma regulação do equilíbrio e dos ritmos da vida dos africanos na busca por unidade e reafirmação da comunidade.

A estreita relação do samba e religiões de matrizes africanas pode ser melhor compreendida a partir do denominado candomblé de caboclo. No final das festas dessa religião, há uma forte presença do samba de roda baiano. Essa relação também pode ser localizada nas últimas décadas do século XX, tendo como figura central as tias baianas que eram chefes de terreiros de Candomblé e promoviam sambas, inicialmente no bairro da Saúde espalhando-se pela região do Centro do Rio de Janeiro (Sodré, 1998).

A formação de uma comunidade baiana no Rio de Janeiro está associada à grande repressão na Revolta dos Malês, em 1835, e na Guerra do Paraguai, que finaliza em 1870. É a partir desta data que surgem comunidades baianas, os primeiros terreiros de candomblé e, conseqüentemente, o samba urbano carioca, especialmente na região denominada Pequena África. Esse território era composto pela Praça Onze, se estendia até a Praça Mauá e incluía Cidade Nova, Santana, Santo Cristo, Saúde e Gamboa (Lopes e Simas, 2015). Além de ter recebido migração de negros baianos livres no início do século XX, essa região também foi ponto de chegada de pessoas sequestradas do continente africano, essa migração afro-baiana, principalmente de descendentes de iorubás, desempenhou papel importante na formação do candomblé, especialmente das nações de ketu ou nagôs. (Da Silva Dantas e Nascimento, 2019)

Hilária Batista de Almeida, conhecida como Tia Ciata, foi uma das tias baianas que desempenhou papel estratégico nessa região. Nesse contexto, Tia Ciata se destaca como protagonista negra e líder religiosa. O quintal de sua casa, localizado na Praça Onze, é associado para muitos pesquisadores como espaço de nascimento do samba carioca, reunia elementos de resistência negra como dança, música e religião (Da Silva Dantas e Nascimento, 2019).

Tia Ciata nasceu em Santo Amaro da Purificação, em 1854. Era integrante da Irmandade da Boa Morte e foi para o Rio de Janeiro quando tinha 22 anos, onde se tornou mãe pequena do terreiro de João Abalá de Omolu. Era quituteira e foi a primeira mulher a usar vestimentas de baiana, tão comuns até hoje, para realizar essa atividade. Foi na casa de Ciata que nasceu o primeiro samba registrado, em 1916, intitulado “Pelo Telefone” por Donga e seus parceiros (De Deus Brito, 2020).

Ela também exerceu forte liderança política. Realizava, dentro de sua casa, festas de procissão negras que eram proibidas pela igreja católica no dia dos reis, sendo deslocada então para o período do carnaval. É importante salientar que, nessa época, reuniões de negros e batuques eram perseguidos pela polícia, sendo a casa de Ciata um dos locais de refúgio e de resistência. Também foi nesses espaços que se iniciaram as organizações dos blocos e ranchos que dariam origem às escolas de samba (Sodré, 1988).

Para Lélia Gonzalez (1982), Tia Ciata é símbolo da alegria da mulher negra que, apesar do sofrimento e das injustiças a que é submetida, vai ao samba dançar.

Até hoje, as escolas de samba homenageiam Tia Ciata com a ala das baianas, que se tornou obrigatória. Segundo Lopes e Simas (2015), essa ala representa papel histórico na formação das escolas de samba em 1930, tendo uma de suas origens a partir do rancho das baianas ainda no século XIX.

Dona Ivone fazia parte desde muito jovem dessa ala., que ainda hoje está presente nas escolas de samba e exerce grande influência. Em suas casas são realizadas rodas de samba em que continuam se apresentando sambistas e compositores (Burns, 2021).

Apesar de D. Ivone Lara ter integrado a ala das baianas, não era referida como “tia”. Ela não apenas cantava, mas também dava voz às suas próprias composições. No universo do samba, a participação feminina por muito tempo foi limitada a ser tia, musa e cantora, enquanto o papel de compor permanecia praticamente exclusivo dos homens. Para contornar o machismo e adentrar esse cenário, D. Ivone Lara, apesar de no início não assinar autoria, subvertia a ordem ao permitir que seus primos apresentassem suas músicas como se fossem deles. Mais uma vez, isso evidencia as estratégias habilmente utilizadas pelas mulheres negras ao longo do tempo.

6. Samba e Ritmo

O ritmo é definido por Sodré (1998, p.19) como a organização do tempo do som de forma artística que “implica uma forma de inteligibilidade do mundo, capaz de levar o indivíduo a sentir, constituindo o tempo, como se constitui a consciência”.

Nas culturas africanas há uma presença marcante da polirritmia e dos tambores, que desempenham papel importante como agentes percussivos nos ritos e na vida cotidiana. Assim, o ritmo funciona como um grande mediador entre o indivíduo e seu grupo social (Miranda, 2002)

Outra característica distintiva dos ritmos africanos é a síncopa, que pode ser entendida como uma transgressão rítmica obtida pela troca do tempo do compasso, resultando em suíngue flexível e plástico (Miranda, 2002).

Lopes e Simas (2015) apontam que a síncopa presente no samba é o que assegura seu balanço rítmico. Segundo Sodré, a união da dança e do batuque foi denominada de forma genérica como samba e este já era presente no Quilombo dos Palmares. Desde então, essa subversão passa a ser perseguida, demandando dos negros estratégias de preservação e de resistência que passam pela incorporação de elementos brancos, perda e aquisição de características e urbanização (Sodré, 1998).

É por meio do ritmo que os processos de singularidade e coletividade se estabelecem, possibilitando alívio da angústia e tornando possível a vivência da alegria por meio do movimento que o ritmo proporciona. Dessa forma, a apropriação do tempo possibilita afirmação da vida e elaboração da morte (Sodré, 1998).

Nas culturas africanas, a música, como a dança, o mito, a lenda e os objetos, são elementos que proporcionam interação entre os mundos visível e invisível. O ritmo e a dança são interdependentes, ultrapassando a relação técnica e estética e envolvendo também comunicação, afirmação identitária e religiosa de um grupo (Sodré, 1998).

A filosofia africana concebe o ser humano dotado de uma origem divina, regendo-se a partir de um princípio básico de ritmo ou conexão. O ritmo é entendido como uma força de interconexão, um poder de reunir aquilo que foi separado, ou seja, orienta a cultura para o restabelecimento de conexões e de semelhanças. Dessa forma, a conexão com a natureza e com a sua origem divina é a energia básica do ser humano (Akbar, 1975).

Esse desejo por unidade constitui um dos princípios fundamentais da Psicologia Africana, que também pode ser compreendida como filosofia do ritmo ou da harmonia. Outro conceito relacionado a esse refere-se à noção de interdependência a partir da qual emergem duas crenças norteadoras: a primeira refere-se à compreensão de que o ser humano é integrante do ritmo da natureza e a segunda diz respeito ao senso de sobrevivência comunitária ou solidariedade vital (Akbar, 1975).

A interdependência também pode ser denominada, segundo Akbar (1975, p.23), de “Eu estendido”, que transcende e se estende para a consciência coletiva do seu povo. As atividades culturais africanas em grupo, como a dança e a música, possuem assim o poder de reunificação do ser.

A partir das aproximações sobre ritmo de Muniz Sodré e do psicólogo negro Na'im Akbar podemos considerar o samba, enquanto ritmo feito em coletivo, como um dispositivo de saúde mental, na medida em que restabelece nos sujeitos a noção de unidade, de pertencimento comunitário e de reconexão com o divino que foram desmantelados no processo de colonização racista.

7. Samba e Corpo

A dança também esteve presente na vida de D. Ivone Lara. Ela tinha um estilo único, que incorporava elementos do jongo e das giras do candomblé. Sua forma de dançar lembrava o lundu, com uma pisada forte no chão, em que adicionava um aspecto percussivo (Burns, 2021).

Ao analisarmos o corpo que dança de D. Ivone Lara, podemos perceber que reúne diversos elementos de origem africana, que ao se encontrarem em solo brasileiro, deram origem ao samba carioca. Sodré (1998), aponta que os negros desenvolveram estratégias de preservação dessa cultura que envolveram incorporações dos batuques em festas brancas, adaptações para o meio urbano, dando origem a modinha, maxixe, lundu e samba.

Na modinha estavam presentes letras e melodias italianas e portuguesas. O lundu inclui coreografias, roda balanço dos quadris e umbigadas, com a presença de violas e instrumentos afro-brasileiros como atabaque, agogô, marimba e pandeiro. Esse ritmo foi trazido por pessoas de origem bantu que foram escravizadas e contribuíram com a síncopa para a criação do maxixe, que por sua vez irá tornar-se em 1920 uma dança muito presente nos bailes e gafieiras no Rio de Janeiro (Sodré, 1998)

O samba, posteriormente, emergiu como substituto do maxixe e se destacou na música popular por meio de um “processo de adaptação, reelaboração e síntese de formas musicais características da cultura negra do Brasil” (Sodré, 1998 p.35). Dessa forma, o samba assimilou uma variedade de elementos, incluindo o tom nostálgico das modinhas e a exaltação da negra frequentemente presente no lundu. Além disso, o samba incorporou provérbios, lendas, poesia e elementos da oralidade que são fundamentais na cultura africana. (Sodré, 1998).

Para Lopes e Simas (2015) o samba se deu a partir de recriações de cantos tradicionais bantos especialmente de Congo e Angola e do oeste-africano (jejes e nagôs). Dessa forma, os primeiros sambas possuem, segundo esses autores, uma africanidade reconstruída como característica. Essa africanidade também se faz presente nos sambas enredos das escolas de samba, especialmente a partir do fim da década de 50, em que a temática africana passa a ser comum.

A performance de D. Ivone Lara revela também um dos efeitos do ritmo sincopado do samba sobre o corpo. Em sua obra “Samba, o dono do corpo”, Muniz Sodré (1998) ressalta que essa característica impulsiona o ouvinte a preencher o vazio presente na síncopa com o corpo, por meio do movimento, da dança e da palma da mão.

O ritmo possibilita a transmissão de uma experiência que é recriada e vivida pelo outro de uma forma concreta, ou seja, possui um efeito físico sobre o corpo. Nessa perspectiva, está presente também uma indissociabilidade entre corpo-música e música-corpo e nessa relação há uma africanidade que é reelaborada por meio do ritmo, oralidade, religiosidade, arte. (Sodré, 1998).

Segundo Nobles (2013), umas das principais heranças religiosas no Brasil diz respeito à manutenção da concepção africana sobre o significado do ser humano.

Para os iorubás, ou nagôs, a pessoa é constituída por uma parte material, o corpo, denominada por *ara*, e outra imaterial, que corresponde ao princípio vital, ou *emi*. Por sua vez, *ara* (corpo) é considerado sagrado e é composto por duas partes inseparáveis: a cabeça, ou *ori*, que está ligada ao destino pessoal; e o suporte, chamado de *aperê*, que assegura a existência individual. O corpo (*ara*) possui também

seu duplo espiritual denominado de *enikeji*. De forma semelhante, o *emi* possui seu duplo físico denominado *ejiji*, que corresponde à sombra da pessoa (Sodré, 2017).

Na filosofia iorubá, existem dois poderes também interligados. *Agbara* é o poder físico e *axé*, o espiritual, ligado à força para realizar. O *axé* está ligado a uma forma de se relacionar com o mundo por meio da energia vital, que está presente em tudo, nos rituais, celebrações, na sacralização do corpo pela dança e na relação deste corpo com o tambor. (Lopes e Simas, 2020). Assim, o som é o fio condutor de *axé* e é resultado de um processo de encontro de um corpo que busca outro corpo em busca deste *axé*.

No processo de escravização dos povos africanos, houve uma violação desses princípios de unidade e divindade do corpo. O corpo negro nesse sistema foi visto e utilizado como máquina de produção (Sodré, 1998).

A coisificação e desumanização do negro no processo de escravidão e colonialismo resultaram em sentimento de alienação humana entre os africanos. Essa alienação gerou sentimento de desconexão com seu espírito e a sensação de não ser completamente humano. Diante dessa fragmentação da consciência e da identidade negra, Nobles (2013) propõe como caminho o desenvolvimento espiritual pessoal e comunitário. Para ele, por meio do pensamento, da história, da cultura, da filosofia e das tradições africanas é possível restaurar o equilíbrio e a saúde do povo negro.

Além de representar a continuidade africana no território brasileiro, o samba se constitui como forma de resistência a esse sistema e recoloca o corpo negro, por meio dos movimentos e da dança, em lugar de celebração, alegria e conexão com seu aspecto divino e como parte desse todo integrado. Assim, o samba traz o *axé* no e pelo movimento e se constitui como continuidade dos valores culturais africanos no Brasil.

4. Conclusão

Dona Ivone Lara representa, tanto para o cuidado de saúde mental como para o samba, um exemplo da resistência pela existência definida por Burns (2009) como “uma combinação de uma existência altamente consciente com um impacto substancial em relações de poder, reformulando a compreensão intersubjetiva e transformando a sociedade”.

Ivone Lara desenvolveu diversas estratégias para enfrentar a perspectiva colonial presente na sociedade brasileira e dentro do manicômio. Sua abordagem terapêutica por meio da música e do samba revelam uma profissional de saúde sensível ao sofrimento e comprometida com a humanização de seus pacientes em um contexto extremamente violento, especialmente com as pessoas negras.

A partir dessa prática questionadora sobre tratamento, que subverte a lógica manicomial racista, a inserção do samba no hospital psiquiátrico desponta como estratégia importante para manutenção da saúde mental das pessoas negras brasileiras. Sua relação com religiosidade, quilombo, ritmo e corpo evidenciam a importância de resgatar princípios africanos como coletividade, pertencimento, interdependência, unidade, autoafirmação, resistência e divindade, mostrando o quanto isso dá um outro sentido ao cuidado.

Dona Ivone inicia sua vida no samba e termina sua trajetória no samba. Ela rompeu com as perspectivas opressoras (coloniais, racistas e sexistas) e os antigos lugares destinados às mulheres negras na nossa sociedade. Ao atuar como enfermeira, assistente social, assistente de terapia ocupacional e se apresentar como compositora, intérprete, cavaquinista e integrante da ala das baianas, abriu caminhos para tantas outras mulheres negras no samba e na saúde mental no Brasil.

Ivone Lara reverencia com tanta sensibilidade nossas raízes e, ao mesmo tempo, nos deixa uma obra imensa. Ela nos inspira a continuar trabalhando na saúde mental, integrando tais conhecimentos ancestrais e de nossa cultura amefricana. Seu exemplo nos liga intimamente ao potencial do samba, incluindo todas essas dimensões coletivas as quais destacamos, como agente transformador de saúde e de modos de vida. O que nos leva para uma clínica ampliada, diversa, que pode acolher as pessoas a partir de um lugar próprio no mundo, se possível, ainda mais saudável.

Referências

ALMEIDA, Silvio. (2019). Racismo estrutural. São Paulo: Jandaíra.

AKBAR, Na'im. Papers in african psychology. Flórida: Mind Productions, 1975.

BARBOSA, Lana. Rodrigues. et al. Yvonne Lara: enfermeira brasileira. **Rev. enferm. UERJ**, p. 72318-72318, 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Brasília, 2017.

BURNS, Mila. (2009). Nasci para sonhar e cantar: Dona Ivone Lara, a mulher no samba. Rio de Janeiro: Editora Record.

BURNS, Mila. (2021). Dona Ivone Lara- Sorriso Negro. Rio de Janeiro: Editora Cobogó

BOGUES, A. Music, Memory and the Black Diaspora. Samba em Revista, ano 14, n. 13, p. 11-14, dez. 2022. Edição especial - 1º Encontro Internacional Samba, Patrimônios Negros e Diáspora.

CARNEIRO, Aparecida. Sueli. (2005). A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. *Universidade de São Paulo, São Paulo*, 96-124.

CAVALCANTI, Renata. Lazone; DA SILVA JUNIOR, Osnir. Claudiano. (2010). Características das enfermeiras concluintes do curso de especialização em visitadoras sociais na Escola de Enfermeiras Alfredo Pinto (1928-1943). *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, v. 2, p. 423-425.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. (2021). Interseccionalidade. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo.

DA SILVA DANTAS, Jéssica. Ramos. NASCIMENTO, Leonardo Ramos. (2019). Tia Ciata, representatividade e resistência: A ascensão do candomblé na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. *Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisa SANKOFA*, v. 1, n. 03, p. 28-46.

DAVID, Emiliano de Camargo; VICENTIN, M. C. G. (2021). Nem crioulo doido nem nega maluca: por um aquilombamento da Reforma Psiquiátrica Brasileira. *Saúde em debate*, v. 44, p. 264-277.

DE DEUS BRITO, Máira. (Ed.). (2020). De Ciata de Oxum a Dora de Oyá: As mulheres na linha de frente no samba e no candomblé. In Manuel Baptista & Rodolfo Alves de Almeida (Eds.).

DE OLIVEIRA SANTOS, Valéria. Joaquim, et al. (2023). A importância das mulheres negras na enfermagem do Brasil e do mundo. *Revista de Divulgação Científica Sena Aires*, v. 12, n. 3, p. 443-462.

DE SOUSA CHAVEIRO, Maylla. Monnik Rodrigues. *Psicologia Africana e Clínica Afrocentrada: Estratégias e ferramentas metodológicas*. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 16, n. Edição Especial, 2023.

FAUSTINO, Deivison Mendes. Frantz Fanon: capitalismo, racismo e a sociogênese do colonialismo. *Ser social*, v. 20, n. 42, p. 148-163, 2018.

FAUSTINO, Deivison Mendes. Notas sobre a sociogenia, o racismo e o sofrimento psicossocial no pensamento de Frantz Fanon: Notes on sociogeny, racism and psychosocial suffering in the thinking of Frantz Fanon. *Revista Eletrônica Interações Sociais*, v. 4, n. 2, p. 10-21, 2020.

FREDERICO, Roberta. Maria. *Psicologia, Raça e Racismo: uma reflexão sobre a produção intelectual brasileira*. Telha, 2021.

GONZALEZ, Lélia. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, v. 2, n. 1, p. 223-244.

LEITE JUNIOR, Jaime Daniel; FARIAS, Magno Nunes; MARTINS, Sofia. Dona Ivone Lara e terapia ocupacional: devir-negro da história da profissão. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 29, p. e2171, 2021.

GONZALEZ, Lélia. De Palmares às escolas de samba, estamos aí. *Mulherio*, São Paulo, ano II, n. 5, jan/fev., 1982.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. *Dicionário da história social do samba*. Editora José Olympio, 2015.

MAGALDI, Felipe. (2020). Das memórias de Nise da Silveira no hospital psiquiátrico do Engenho de Dentro. *Mana*, v. 25, p. 635-665.

MALDONADO-TORRES, N. (2007). On the Coloniality of Being: Contributions to the Development of a Concept. *Cultural studies*, 21(2-3), 240-270. <https://doi.org/10.1080/09502380601162548>.

MIRANDA, Dilmar Santos de. (2002). *O Tempo do samba*.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. *Historiografia do quilombo*. NASCIMENTO, MB *Quilombola e intelectual: possibilidades nos dias da destruição*. São Paulo: Filhos da África, p. 125-165, 2018.

NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo*. Editora Perspectiva SA, 2020.

NOBILE, Lucas. Dona Ivone Lara: a primeira dama do samba. Sonora, 2018.

NOBLES, Wade. (2009). Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 277-298.

NOBLES, Wade. (2013). Shattered Consciousness, Fractured Identity: Black Psychology and the Restoration of the African Psyche. *Journal of Black Psychology* 39(3) 232–242

PADILHA, Maria Itayra.; PERES, Maria Angélica de Almeida; APERIBENSE, Pacita Geovana. Gama. S. Dona Yvonne Lara e o compasso entre a arte e a ciência. *Escola Anna Nery*, v. 26, 2022.

PASSOS, Rachel. Gouveia; MORAES, Andressa da Silva de. Entre os sambas, os bambas e a loucura: o discreto protagonismo de D. Ivone Lara na saúde mental. In: *Racismo, subjetividade e saúde mental - Pioneirismo negro*. São Paulo-Porto Alegre, 2021. p. 74-85

PAVA, Andrea Macêdo.; NEVES, Eduardo Borba. (2011). A arte de ensinar enfermagem: uma história de sucesso. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 64, p. 145-151.

PERES, Maria. Angélica de Almeida., et al. (2011). O ensino da psiquiatria e o poder disciplinar da enfermagem religiosa: o hospício de Pedro II no segundo reinado. *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 20, p. 700-708.

PITHON, Camila Costa; MOREIRA, Esdras Cabus.; MIRANDA-SCIPPA, Ângela. (2019). A história do primeiro serviço psiquiátrico em hospital geral do Brasil. *Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria*, v. 23, n. 2.

SCHEFFER, G. (2016). Serviço Social e Dona Ivone Lara: o lado negro e laico da nossa história profissional. *Serviço Social & Sociedade*, p. 476-495.

SANTOS, Katia. (2005). Dona Ivone Lara: voz e corpo da síncope do samba. University of Georgia, Georgia.

SANTOS, Y. L. Crítica à degenerescência racial e reforma psiquiátrica de Juliano Moreira In: *Racismo, subjetividade e saúde Mental- O Pioneirismo Negro*. São Paulo- Porto Alegre, 2021. p. 35-45

DOS SANTOS, Luciane Tavares; PORTO, Liana Barcelos. PARA ALÉM DO SAMBA: APRENDÊNCIAS COM A HISTÓRIA DE VIDA DE DONA IVONE LARA. In: *Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. 2021. p. 481-486.

SILVA JR, Osnir Claudiano da et al. A enfermagem psiquiátrica e a enfermagem moderna no Rio de Janeiro: uma lição da história. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 54, p. 229-236, 2001.

SILVA, M. V. da et al. Dona Ivone Lara: reminiscências de um canto feminino negro. 2023.

SODRÉ, Muniz. Samba, o dono do corpo. Mauad Editora Ltda, 1998.

SODRÉ, Muniz. Pensar nagô. Editora Vozes, 2017.

TREECE, David. Candeia, o projeto Quilombo e a militância antirracista nos anos 1970. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, p. 166-188, 2018.

VEIGA, Lucas Motta. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. Fractal: Revista de Psicologia, v. 31, 2019, p. 244-248.

VILLAS BOAS, F. e PAROLIN, N. Contribuições de Virgínia Bicudo para o campo da saúde mental no Brasil: caminhos pela pesquisa, pela clínica e pela escola. Racismo, subjetividade e saúde mental - Pioneirismo negro. São Paulo-Porto Alegre, 2021. p.46- 59.

WERNECK, Jurema. Doutorado) (2007). O samba segundo as ialodês: Mulheres negras e a cultura midiática. UFRJ.